

**CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
PREFEITURA MUNICIPAL DE MARICÁ  
EDITAL SEMED Nº 1/2024**

RESPOSTAS AOS RECURSOS – Nível Superior

TÓPICOS:

- Literatura Brasileira  
 Fundamentos da Educação  
 Conhecimentos Específicos

Cargo: Docente I – Língua Portuguesa

Nº da Questão	Opção de resposta por extenso	Parecer da Banca	Deferido ou Indeferido	Questão anulada ou Opção de Resposta correta
01	apresentação de vozes múltiplas.	<p>O enunciado da questão 01 solicita que se aponte a opção em que aparece descrito aspecto que <u>caracteriza</u> o tratamento literário da memória nos <b>textos 1 e 2</b>, levando-se em conta os modos como esta vem sendo, contemporaneamente, elaborada por mulheres negras e indígenas, bem como o “papel desempenhado pela literatura” nesse processo. Logo, o enunciado supõe, nesses termos, o reconhecimento de um procedimento literário <u>comum</u> aos dois textos no que diz respeito à construção da memória.</p> <p>No <b>texto 1</b>, a construção da memória se realiza por meio da retomada da história de uma ancestral da narradora. Apesar da precariedade de</p>	INDEFERIDO	E

		<p>informações sobre a mãe de sua tataravó, de quem herdou o nome, a narradora propõe relatar um percurso marcado por ausências de informações e lacunas.</p> <p>A precariedade e a incompletude da história de Halima estão expressas em passagens como: “<b>parece</b> que só Halima sobreviveu”; “Halima conseguia <b>falar pouco</b>”; “<b>pedaços</b> de relatos viriam compor uma <b>memória esgarçada</b>”; “lugar <b>impreciso</b> por <b>falta</b> de informações históricas, portanto <b>vazios</b> de nossa história e de nossa memória”. A partir da identificação estabelecida pelo parentesco e pela homonímia, a narradora aproxima a sua própria experiência ao percurso de sua ancestral elaborando-o narrativamente. A história constitui-se assim a partir da relação entre gerações e sujeitos.</p> <p>Já, no <b>texto 2</b>, a avó é conclamada a partilhar seus conhecimentos, como se observa na sequência de verbos empregados no modo imperativo: “<i>venha</i>”; “<i>traga</i>”; “<i>solte</i>”; “<i>fale</i>”. O uso desses verbos demonstra ainda que a avó é a contadora de histórias do título do poema, aquela que detém a memória e assume a condição de falante/narradora: “<i>Venha, minha avó / Traga sua memória</i>” e “<i>Fale para nossas crianças / Das lutas que tivemos que viver</i>”. Desse modo a memória se constrói pela evocação da avó para que juntas – ancestral, poeta e comunidade - possam rememorar: “<i>Vamos lembrar</i>”. A rede que envolve diferentes gerações (a avó, a poeta, as crianças) se confirma pelo uso reiterado da primeira pessoa do plural (“<i>vamos</i>”, “<i>estamos</i>”, “<i>sentimos</i>”, “<i>nossa</i>”, “<i>nossas</i>”), ao mesmo tempo que as histórias e a memória são partilhadas por uma comunidade formada por mulheres, tendo em vista o uso do feminino plural em “<i>atravessadas</i>” e “<i>parentas</i>”.</p> <p>Desse modo, nos <b>textos 1 e 2</b>, construir a memória se caracteriza pela atualização e apresentação de uma multiplicidade de vozes que se relacionam a uma experiência coletiva ou partilhada. Consequentemente, a construção da memória a partir de uma matriz oral, em ambos os textos, depende da evocação das vozes constituídas pelos antepassados que se associam à narradora e à poeta. Deve-se</p>		
--	--	---	--	--

		<p>acrescentar que, na questão, não se demandou reflexão ou explorou o conceito de <i>polifonia</i> tal como foi formulado por Mikhail Bakhtin.</p> <p>Nos <b>textos 1 e 2</b>, não se nota a reprodução de relatos míticos ou narrativas consideradas como tais do ponto de vista de quem escreve. Ou seja, em ambos os textos, não se desenvolve a narrativa de mitos propriamente ditos. Vale lembrar que a necessidade de contar e a menção a histórias tradicionais de uma comunidade ou grupo social, como se verifica nos <b>textos 1 e 2</b>, não se confundem à repetição em si de mitos, tampouco estes aparecem convertidos em procedimento literário destinado à construção da memória.</p> <p>No <b>texto 1</b>, a precariedade das informações históricas disponíveis aparece claramente indicada, de modo que a elaboração da memória não pode se restringir a registros históricos precisos, pelo contrário, precisa se dar apesar da falta de informações. A imprecisão, por sua vez, aparece claramente assinalada, como já se expôs no presente parecer.</p> <p>Em ambos os textos, mesmo que se atribua um significado ritual ou cultural a objetos, a memória não resulta da exploração de artefatos que foram perdidos nem da retomada ou celebração de rituais religiosos. A esse respeito, ainda que se possa considerar, no <b>texto 2</b>, a relevância do “cachimbo” no processo de evocação e comunicação de antigas histórias, não há indicativo que se trate de um objeto “perdido”. Por outro lado, no <b>texto 1</b>, não existe qualquer indicação de objetos perdidos cuja recuperação viabiliza a construção da memória.</p> <p>Nesses termos, o gabarito é a letra E.</p>		
02			INDEFERIDO	A

	<p>Conformação de redes femininas de afetividade, fazeres e conhecimentos</p>	<p>A leitura dos <b>textos 1 e 2</b>, no contexto da literatura feita por mulheres no Brasil contemporâneo, aponta para um processo de construção de vínculos, de redes femininas baseadas em relações de afeto e compartilhamento de fazeres e conhecimentos. Isso está claramente expresso, em ambos os textos, na vinculação da narradora e da poeta com práticas e histórias de outras mulheres.</p> <p>O trabalho como escritora, nesses termos, se associa a um conjunto amplo de saberes e atividades recuperados na produção literária. Além disso, não existe, nos <b>textos 1 e 2</b>, nenhuma proposta que comporte a defesa da existência de modalidades discursivas apropriadas ou não a mulheres; concomitantemente, esse tipo de diferenciação contraria a produção de escritoras contemporâneas, uma vez que, para estas, o ambiente doméstico não é incompatibilizado ou desconectado do fazer literário, pelo contrário, tarefas associadas ao trabalho reprodutivo são recuperadas e valorizadas. Nos <b>textos 1 e 2</b>, além de não haver indicação de modalidades discursivas inapropriadas a homens e/ou a mulheres, tampouco se desqualifica o doméstico, pelo contrário, elementos relacionados a esse universo são apontados afirmativamente em referências como “<i>pentear-se</i>” (<b>texto 1</b>) e “<i>crianças</i>” (<b>texto 2</b>).</p> <p>Se, sem dúvida, é possível reconhecer abordagens contemporâneas que ressaltam o papel da mulher nos processos de modernização e urbanização do país, nos <b>textos 1 e 2</b>, não existe alusão a esse tipo de participação ou questão. Sequer esses processos são mencionados nos textos.</p> <p>Por fim, a experimentação não é um obstáculo ou problema na produção contemporânea feita por mulheres, assim como não existe, nos <b>textos 1 e 2</b>, qualquer problematização a esse respeito ou alguma indicação de que se trate de algo a ser evitado.</p> <p>Diante do exposto, a única opção correta é a letra A.</p>		
--	---	---	--	--

03	expor a violência da sexualização da mulher indígena.	<p>O texto de Ana Luísa Castro se destaca da produção indianista de seu tempo ao dar voz à personagem indígena não para ratificar comportamentos de submissão e adequação aos colonizadores, mas para expor, não apenas a sexualização das mulheres nativas pelo homem branco, mas também a violência manifesta no <i>engano</i> e no <i>abandono</i> que as vitimam. Nesse sentido, a autora propõe uma abordagem que se diferencia de romances que se tornaram emblemáticos do romantismo brasileiro, a exemplo de <i>Iracema</i>, de José de Alencar.</p> <p>Neste romance, o amor erótico não decorre de uma falha moral do homem branco, mas de um encontro aparentemente harmônico. Além disso, o “mito sacrificial”, para citar Alfredo Bosi, como ato derradeiro de amor, consolida a submissão do componente indígena à cultura branca europeia representada pelo cavaleiro português. Uma vez que o enunciado da questão solicita identificar sob que aspecto “a autora se <u>diferencia</u> do indianismo habitualmente praticado à época”, a opção correta corresponde à letra E; isto é, a distinção entre o que se observa no <b>texto 3</b> e o que se praticou na ficção romântica brasileira está em “expor a violência da sexualização da mulher indígena”.</p> <p>No indianismo romântico, existem exemplos famosos de histórias de amor interracial, como, por exemplo, se observa em <i>O guarani</i>, de José de Alencar, e <i>Iracema</i>, já mencionado aqui. A esse respeito, há ainda discussão importante sobre o papel do amor romântico na construção de situações de miscigenação que teriam originado as jovens nações americanas. Portanto, o amor interracial não é um diferenciador do <b>texto 3</b> em relação ao conjunto da produção romântica brasileira.</p> <p>Gonçalves Dias tornou famosa a elevação moral dos indígenas dos tempos coloniais, aspecto que também caracterizou os romances indianistas de Alencar. Consequentemente, não se trata de um aspecto que diferencie a construção da personagem de Ana Castro de outras criadas no contexto do indianismo.</p>	INDEFERIDO	E
----	---	---	------------	---

		<p>A configuração da mulher, indígena ou não, a partir da maternidade (frequentemente idealizada) também foi recorrente no Romantismo brasileiro. A maternidade habitualmente aparece associada à elevação moral das mulheres. Logo a valorização da mãe, tal como aparece no <b>texto 3</b>, não é um elemento diferenciador em relação à produção romântica brasileira.</p> <p>Por fim, a discriminação do comportamento entre etnias diferentes aparece regularmente na literatura romântica brasileira, como se observa, por exemplo, em classificações maniqueístas que comportam os bons e maus “índios”. Portanto, também não constitui um elemento diferenciador do <b>texto 3</b> frente à produção romântica.</p> <p>Tendo em vista o exposto, o gabarito é a letra E.</p>		
04	<p>construção de uma narrativa dentro da outra como forma de abordar a experiência afrodiaspórica de mulheres no texto 1.</p>	<p>A relação entre identidade e território se constitui, no <b>texto 1</b>, a partir da exploração da condição afrodiaspórica da ancestral da narradora. Para esse fim, a construção do texto aposta em uma narração que, em um primeiro momento, se debruça sobre a própria experiência da narradora, sua motivação e suas questões; e, em um segundo momento, se apresenta como a “narrativa propriamente dita” da vida da ancestral. Essa duplicidade narrativa se apresenta, portanto, como um recurso para abordar uma identidade que não pode ser considerada fora da travessia do Atlântico. Ou seja, a duplicidade se relaciona a formas de autorrepresentação, representação e território, na medida em que reflete a conjunção entre a desterritorialização forçada dos antepassados, a experiência territorial no país de destino e a identificação de uma possível origem no continente africano.</p> <p>A utilização da versificação, no <b>texto 2</b>, não se configura como uma submissão simbólica da mulher indígena tanto pela incorporação de aspectos da oralidade quanto pelo exercício literário voltado à afirmação de tradições indígenas e não de modelos culturais e sociais ocidentais.</p> <p>Além de não haver, no <b>texto 3</b>, elementos de comparação metafórica da mulher à natureza local, a maternidade da indígena não está</p>	INDEFERIDO	A

		<p>associada à criação do “brasileiro” ou de uma primeira geração do que viria a ser o futuro do país. De fato, não há qualquer menção a um aspecto nacional fundador relacionado à maternidade no texto.</p> <p>Ainda que se possa defender a existência de elementos alegóricos no <b>texto 2</b>, o mesmo não se dá no <b>texto 1</b>, o que invalida a opção correspondente à letra D.</p> <p>Em particular no <b>texto 2</b>, a ênfase no telúrico no verso “<i>Tem sangue das parentas pelo chão</i>” não chega a constituir um campo semântico. No <b>texto 3</b>, a localização territorial existe em “<i>nas praias desertas da Jureia</i>” sem que se desdobre em um campo semântico que conecte a mulher indígena à terra. Além do mais, as referências à terra, nos dois textos, não remetem à exploração de recursos ou à agricultura.</p> <p>Diante do exposto, o gabarito é a letra A.</p>		
05	a relevância da realidade cotidiana brasileira no uso da língua.	<p>Sabidamente, uma das grandes contribuições do modernismo brasileiro foi conferir estatuto poético ao cotidiano. Além disso, isso se associou à busca de uma língua brasileira por meio da valorização da fala, tradicionalmente desqualificada frente à escrita. No caso do poema de Oswald de Andrade (<b>texto 4</b>), a referência ao trabalhador como usuário da língua e às diferenças entre registros escrito e oral vai ao encontro dos usos linguísticos associados ao cotidiano.</p> <p>Ainda que se possam associar formas como “<i>mio</i>” e “<i>mió</i>” a determinadas localidades ou regiões, muitas vezes, por conta da estigmatização de modalidades da língua falada em áreas rurais, no caso do poema de Oswald de Andrade (<b>texto 4</b>), o aspecto regional não é trazido à tona. Em vez de se relacionar o uso da língua a uma determinada geografia, no poema, essa relação é estabelecida com o cotidiano e o trabalho. Ademais, ainda que se considerasse a referência ao regional, o modernismo de 1922 não enfatizou o regionalismo, o seu interesse estava fundamentalmente no elemento nacional vinculado a uma perspectiva cosmopolita. Do mesmo modo, os modernistas da</p>	INDEFERIDO	C

		<p>primeira geração não propuseram qualquer hegemonia de variantes marcadas por determinado regionalismo.</p> <p>O “vício” na fala apontado no título não é tratado como tal ao longo do poema. O uso da língua pelo trabalhador não sofre desqualificação, uma vez que não há qualquer tentativa de “corrigir” o modo como se fala nem há uma apreciação negativa, pelo contrário, o modo de falar é associado à atividade de construção.</p> <p>Oswald de Andrade, ao valorizar a forma falada e dar a ela espaço no poema, não propõe uma hierarquia que defina relações de superioridade sobre a escrita. No poema, se observa a busca de coexistência das formas e não uma substituição.</p> <p>Ainda que, <b>no texto 4</b>, não seja feita uma discussão de caráter gramatical, ao elencar as formas escritas e faladas das palavras, o poeta termina por apontar regularidades, visto que, é possível identificar um padrão de comportamento no uso da língua.</p> <p>Diante do exposto, o gabarito é a letra C.</p>		
06	Oswald de Andrade volta-se a aspectos culturais da vida do trabalhador enquanto Solano Trindade destaca os desafios da realidade do trabalho	<p>No <b>texto 4</b>, a abordagem do trabalho e do trabalhador se desenvolve a partir da experiência com a língua, em particular dos seus usos associados a um grupo social do qual não necessariamente o poeta participa. O interesse está no modo como “eles” falam. Já no <b>texto 5</b>, a autoidentificação do eu poético como trabalhador – “<i>Eu sou trabalhador</i>” – torna mais próxima a <b>realidade</b> do trabalho, pois não se trata de um falar “sobre”, mas a partir de uma vivência. Essa diferença é ratificada pelo contexto que envolve a produção do poeta modernista de São Paulo, de um lado, e do poeta e ativista negro, do outro. No primeiro caso, o foco dado à linguagem do trabalhador que falaria “<i>teia</i>” e construiria as “<i>telhas</i>” e “<i>telhados</i>” demonstra o viés cultural que orienta a abordagem do poeta; já no segundo, o cruzamento entre experiência pessoal e realidade social permite uma aproximação à situação da população negra trabalhadora no Brasil e às dificuldades que enfrenta. No <b>texto 5</b>, essas dificuldades são apresentadas por meio da história</p>	INDEFERIDO	D

		<p>do poeta e de sua família, visto que o trabalho árduo e continuado não resulta em uma efetiva mudança social.</p> <p>Diante disso, está correta a afirmação correspondente à letra D: “Oswald de Andrade volta-se a aspectos culturais da vida do trabalhador enquanto Solano Trindade destaca os desafios da realidade do trabalho”. Note-se que, em “aspectos culturais”, o uso do substantivo no plural e sem artigo confere caráter inespecífico e abrangente, ao mesmo tempo em que a ênfase recai sobre o adjetivo. Já os desafios relacionados à realidade do trabalho, no <b>texto 5</b>, estão expressos na insistência cotidiana do trabalho, em sua finalidade imediata “<i>para o angu das manhãs</i>”, na sujeição representada pela atitude obediente às sirenes e na manutenção da pobreza a despeito do trabalho continuado – “<i>Morei num mocambo</i>” e “<i>Não mudei nada...</i>”.</p> <p>Diante da importância do trabalho para a modernização da sociedade brasileira e do lugar conferido a esse processo no âmbito do modernismo, é possível inferir que, no <b>texto 4</b>, a atividade dos trabalhadores seja compreendida sob essa perspectiva. Contudo, não há, no poema de Solano Trindade (<b>texto 5</b>), conexão entre a experiência do trabalho e a construção da nação. Solano Trindade, de fato, se detém na vida pessoal do trabalhador, de seu cotidiano e sua precariedade social.</p> <p>Seu interesse não está na riqueza representada pelo que se produz ou o modo como o trabalho pode ajuda a construir o país. Por outro lado, o trabalho no poema de Oswald de Andrade não aparece associado à ascensão social, mas ao processo de produção e seus produtos representados por “<i>telha</i>” e “<i>telhado</i>”.</p> <p>Apesar de Oswald de Andrade, de fato, aproximar a comunicação verbal, representada pelos usos da língua (em suas modalidades), ao trabalho, Solano Trindade, ao apontar continuidades e permanências na vida do eu poético desde seu nascimento, não propõe uma descrição da sua atividade profissional como escritor ou mesmo da situação</p>		
--	--	---	--	--

		<p>trabalhista que envolve esse tipo de atividade. Limita-se, na verdade, a referir-se ao trabalho braçal e àquele relacionado à indústria. Em outras palavras, o caráter autobiográfico do poema em si não permite dizer que o poeta descreve, no <b>texto 5</b>, a situação trabalhista vivida pelos escritores.</p> <p>Pode-se compreender que Oswald de Andrade assinala o poder de transformação do trabalho; no entanto, a passagem pela indústria, no caso do texto de Solano Trindade, não se traduz no elogio à industrialização e à produção de riquezas, pois prevalece seu enfoque na manutenção de formas de exploração e na pobreza em que vive o trabalhador.</p> <p>Diante do exposto, a única resposta correta é a letra D.</p>		
07	<p>a cadência do trabalho repetitivo e incessante está marcada nas ações de “bater” e “pisar”, na primeira estrofe, e pelo “ritmo das caldeiras” e o “chamado das sirenes”, na segunda.</p>	<p>Considerando-se que o enunciado propõe associar procedimentos de construção da linguagem (“recursos linguísticos”) a determinados efeitos poéticos, a opção que atende à solicitação deverá prezar pela adequada correlação entre o recurso apontado e os “desdobramentos” a ele relacionado. No poema de Solano Trindade (<b>texto 5</b>), está indicada a tendência à permanência e à repetição, como assinala o verso final – “não mudei nada”. De igual maneira, os verbos de ação como “<i>bater</i>” e “<i>pisar</i>” remetem a atividades rítmicas cuja extensão no tempo aparece expressa no uso do pretérito imperfeito. Além disso, o ritmo maquinal associado às caldeiras aparece atrelado à marcação regular dos ciclos de tempo no trabalho pelo som das sirenes.</p> <p>Logo, é pertinente afirmar que, no <b>texto 5</b>, a cadência do trabalho repetitivo e incessante está marcada nas <u>ações</u> de “bater” e “pisar”, na primeira estrofe, e pelo “<i>ritmo das caldeiras</i>” e o “chamado das sirenes”, na segunda. Na opção C, onde se lê “a cadência do trabalho repetitivo e incessante está marcada nas ações de ‘bater’ e ‘pisar’, na primeira estrofe, e pelo ‘ritmo das caldeiras’ e o ‘chamado das sirenes’, na segunda”, não se afirma que a cadência esteja inscrita na sonoridade dos versos; na realidade, determinadas ações (identificadas por meio de verbos nocionais) e formas de produção de movimento ou som</p>	INDEFERIDO	C

		<p>(representadas pelas caldeiras e sirenes), ao serem nomeadas no poema, remetem à experiência cotidiana da repetição. Isto é, se constrói <b>semanticamente</b>, no <b>texto 5</b>, a experiência rítmica atrelada à repetição.</p> <p>No <b>texto 5</b>, não se observam indícios de volubilidade do sujeito poético, tampouco um pretense caráter volúvel pode ser aferido no emprego de reticências e artigos. Em “<i>Eu sou um trabalhador</i>”, a afirmativa aponta para uma identidade clara e consolidada, de modo que o uso de “um” serve à identificação do poeta à categoria de “<i>trabalhador</i>”. As reticências, por sua vez, não aparecem relacionadas a oscilações que pudessem justificar um efeito de “volubilidade”. De fato, no poema de Trindade, prevalece a constância definida pela ausência de transformações efetivas nas condições de subsistência do poeta em relação a seus pais. Acrescenta-se, ainda, que volubilidade não é o mesmo que vulnerabilidade.</p> <p>Não existe uma contradição entre a origem do sujeito poético e seu percurso como trabalhador, visto prevalecer um sentido de permanência e imobilidade.</p> <p>Apesar de haver uma transformação aparente (do trabalho na terra para a indústria), a existência de mudanças é refutada pela manutenção da situação precária do trabalhador. Além disso, o jogo entre mudança e permanência não resulta do uso de paralelismos sintáticos, visto que esse tipo de paralelismo não está presente em construções como “<i>Quando eu nasci</i>”, “<i>Eu sou um trabalhador</i>” e “<i>Não mudei nada</i>”.</p> <p>Ainda que se possa reconhecer um sentimento melancólico do eu poético ao assinalar sua condição precária e a ausência de mudanças ao longo da vida, esse sentimento não resulta das repetições dos pronomes possessivos, na primeira estrofe, ou do uso da primeira pessoa do singular ao longo de todos os versos. A primeira pessoa ratifica o sentido autobiográfico indicado no título, mas não representa, por si só, uma percepção melancólica da existência.</p> <p>Diante disso, a opção correta é a letra C.</p>		
--	--	--	--	--

08	o esvaziamento do poder patriarcal está na origem da frustração de Amaro.	<p>O romance de 1930 também conhecido como romance social é considerado como produção modernista em sua segunda fase. Trata-se da produção ficcional em prosa de feição realista e naturalista muitas vezes tratada como literatura regional, associada em particular a escritores do nordeste brasileiro. O debate socioeconômico que movia o romance de 1930 estava fortemente atrelado às mudanças relativas ao enfraquecimento político da oligarquia rural e à decadência sofrida por um modelo patriarcal vinculado à República Velha. A alteração de correlação de forças políticas em nível nacional e o seu impacto na região nordeste encontram ecos na fragilização da autoridade de “antigos” patriarcas, cuja decadência coexistiu com o avanço de processos de modernização da produção agrária. José Lins do Rego foi um autor importante relacionado a essa produção ficcional, em sua obra explorou o descenso de oligarcas rurais ligados ao monocultivo da cana de açúcar.</p> <p>No <b>texto 6</b>, a personagem de mestre Amaro, ainda que não pertença à oligarquia e se situe nas camadas médias da sociedade, se identifica à antiga ordem em crise. O mundo que se desfaz baseava-se na autoridade “paterna” que estendia sua influência e justiça sobre a vida social, política e econômica de uma dada região. Essa autoridade encarnava, ainda, um código de conduta e valores representado, sobretudo, pela figura dos “coronéis”. Nesse contexto, a atitude de Amaro, caracterizada pela rudeza e insatisfação, se associa a um sentimento de impotência e de raiva diante da negativa ao seu desejo de mando (“<i>Ele queria mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, queria bater em tudo como batia naquela sola</i>”).</p> <p>Como aparece no <b>texto 6</b>, a mágoa de Amaro é decorrência direta da percepção de uma mudança social, econômica e política que justifica a perda de autoridade experimentada pela personagem numa sociedade em que o exercício do poder é indissociável da identidade masculina. Isso está expresso no modo como a personagem de Amaro encara a sua descendência: “<i>Voltava outra vez à sua mágoa latente: o filho que lhe não viera, a filha que era uma manteiga derretida</i>”. O desgosto de</p>	INDEFERIDO	B
----	---	--	------------	---

		<p>ter uma filha chorosa (“<i>Tinha aquela <u>filha triste</u></i>”) no lugar de um filho homem está atrelado à visão que Amaro tem do masculino: “<i>Bem que podia ter tido um filho, um rapaz como aquele Alípio, que fosse <u>um homem macho, de sangue quente, de força no braço</u></i>”. A quebra da linhagem patriarcal, no universo familiar de José Amaro, se dá tanto por sua impossibilidade de manter o prestígio do pai de quem herdou o ofício quanto pelo nascimento de uma filha. A ausência de uma descendência masculina aparece associada à impotência, à perda de poder, à impossibilidade de impor-se pela força. Essa relação é ainda ratificada pela hostilidade dirigida à esposa (“<i>aquela Sinhá de língua solta</i>”), a quem atribui a responsabilidade de seus dissabores (“<i>Sinhá, sua mulher era culpada de tudo.</i>”). Do mesmo modo, acompanha esse processo a desimportância conferida a seu trabalho em contraste com o seu pai, que chegou a oferecer seus serviços ao imperador (“<i>O pai fizera sela para o imperador montar</i>”).</p> <p>Entende-se que, dentre os aspectos que norteiam a produção ficcional de 1930, se situa a representação da transformação socioeconômica que atingiu oligarquias rurais do nordeste brasileiro e dos conflitos inerentes à crise de um modelo de poder patriarcal e de seus valores.</p> <p>Deve-se notar, de igual maneira, que a demanda por se identificar a convergência entre a leitura do <b>texto 6</b> e o romance de 1930, no enunciado da questão, pressupõe uma confluência entre o que se observa a respeito da construção da personagem de Amaro e os aspectos que envolvem o conjunto mais amplo da literatura praticada então. De fato, a decadência das elites rurais e seus desdobramentos estão presentes, em linhas gerais, na produção romanesca dessa geração literária, não apenas na obra de José Lins do Rego.</p> <p>Por outro lado, a relação entre a crise socioeconômica e o descenso de um determinado modelo de dominação patriarcal também aparece contemplada como questão no romance de 1930. Nessa sociedade em transformação, a perda de prestígio social se articula ao esvaziamento da autoridade masculina identificada à força e ao poder.</p>		
--	--	---	--	--

		<p>Por outro lado, não há indicação de que entre os fatores responsáveis pelo sentimento de humilhação e inferioridade experimentado por Amaro esteja o seu nível de escolaridade. De fato, a formação escolar não é mencionada no texto.</p> <p>A aridez do meio físico, no <b>texto 6</b>, embora seja aspecto recorrentemente presente no romance de 1930, não aparece como motivação para o sofrimento ou as reações de Amaro.</p> <p>Ainda que o empobrecimento da região possa ser inferido pela desvalorização do ofício de mestre Amaro, não há, no <b>texto 6</b>, uma relação de causalidade entre o descenso socioeconômico local e uma possível dificuldade de <u>transformação</u> de Amaro. Tampouco aparece indicada alguma tendência da personagem à transformação.</p> <p>Por fim, ainda que o ambiente rural seja dominante no romance de 1930, Amaro não se apresenta como um trabalhador rural voltado a atividades de agricultura e/ou pecuária, mas como um artesão. Enquanto tal, não relaciona o seu não reconhecimento a uma possível estigmatização de sua profissão ou da sua condição de trabalhador do campo.</p> <p>Tendo em vista o exposto, o gabarito é a letra B.</p>		
09	coesão entre o ofício de artesão e as emoções de José Amaro se deve ao “martelar” de pensamentos e coisas simulado pelas repetições e orações coordenadas.	<p>Na prosa de ficção, o “realismo” constitui um efeito de procedimentos de construção que atribuem coerência e verossimilhança a personagens e situações. Isso está expresso em textos como o de José Lins do Rego (<b>texto 6</b>) e está de acordo com a filiação do escritor à vertente realista do romance desenvolvido na segunda geração modernista.</p> <p>Diante disso, a leitura do <b>texto 6</b> nos dá acesso às angústias e questões de uma personagem como José Amaro, ao mesmo tempo que lhes confere factibilidade. Para alcançar esse efeito, o autor explora as conexões entre o interior do personagem e seu ambiente externo, como se observa no modo como o “martelar” dos pensamentos se encontra atrelado ao seu trabalho com o martelo. Desse modo, há uma aproximação material efetiva à “realidade” da personagem por meio da</p>	INDEFERIDO	C

		<p>própria linguagem, o que se observa claramente no estabelecimento de coesão entre o ofício de artesão e as emoções experimentadas pelo artesão graças à simulação do “martelar” pelo emprego de recursos como a repetição e o emprego de orações coordenadas como se observa, por exemplo, em: “<i>Mais uma vez as rolinhas voaram com medo, mais uma vez o silêncio da terra se perturbava com o seu martelo enraivecido. Voltava outra vez à sua mágoa latente: o filho que lhe não viera, a filha que era uma manteiga derretida</i>”.</p> <p>Cabe ressaltar que nem no enunciado nem nas opções se aponta para “predominâncias” ou hierarquizações relacionadas ao grau de importância ou recorrência de procedimentos. A questão requer identificar, no <b>texto 6</b>, a convergência entre recursos empregados e efeitos observáveis.</p> <p>O narrador externo onisciente não interfere diretamente na narrativa no <b>texto 6</b>, ou seja, não expõe suas opiniões e sua presença discreta se reflete, entre outros elementos, na ausência de digressões ou análises, bem como na opção pelo discurso indireto livre. Lembrando que <i>digressão</i> pressupõe a interrupção do relato propriamente dito por meio da exposição de reflexões do narrador.</p> <p>Além do mais, a interlocução direta com o leitor não aparece no <b>texto 6</b>, assim como a intrusão. Esse tipo de interferência, quando ocorre, desestabiliza a pretensão realista à neutralidade. Também não é possível observar, inscrita no <b>texto 6</b>, uma reflexão que se volte para a construção da própria narrativa, isto é, que tenha feição metalinguística.</p> <p>A confluência entre as preocupações de José Amaro e o seu entorno não aparece associada ao desenvolvimento de fluxo de consciência por um narrador personagem, tendo em vista que, no <b>texto 6</b>, o ponto de vista narrativo é constituído em terceira pessoa e se configura, portanto, como externo.</p> <p>Por fim, a identidade social de José Amaro não aparece associada a estereótipos do sertanejo, especialmente porque o personagem não representa a tipificação do vaqueiro do semiárido ou do retirante das</p>		
--	--	---	--	--

		<p>secas. Ao contrário de processos de construção de tipos humanos, Amaro é particularizado a partir de suas experiências subjetivas.</p> <p>Do mesmo modo, no <b>texto 6</b>, o enfoque nos dilemas internos da personagem se afasta de um <u>descritivismo</u>, como está evidente na ausência de descrições mais longas e minuciosas de aspectos relacionados a personagens, espaço físico e objetos. Não se pode, portanto, dizer que haja um “descritivismo” no <b>texto 6</b>.</p> <p>Tendo em vista o exposto, o gabarito é a letra C.</p>		
10	determinista da experiência humana vinculada às ciências da natureza.	<p>O enunciado da questão demanda identificar o que <b>diferencia</b> o romance naturalista do século XIX das tendências neorrealistas e neonaturalistas do século XX. Diante disso, a opção correta deve apresentar aspecto que caracteriza a narrativa naturalista oitocentista, mas não seja um princípio da produção literária relacionada ao neorrealismo e neonaturalismo do século XX.</p> <p>A narrativa naturalista do século XIX se caracterizou, entre outras coisas, pelo determinismo biológico e das condições naturais do meio. A ficção naturalista do Oitocentos foi marcada pela percepção de que relações atávicas, junto às propriedades naturais do corpo e do ambiente, definiam os comportamentos humanos. Os estudos da sociedade humana dependiam, nesses termos, da apropriação de metodologias, teorias e parâmetros concebidos no interior das ciências da natureza.</p> <p>O romance experimental proposto por Emile Zola, por exemplo, se caracterizou pela tentativa de incorporar o pensamento das ciências naturais da época à realização do romance, pois, segundo o escritor francês, deveria haver a comunhão entre a figura do médico e do romancista. No naturalismo brasileiro, temas como a histeria, o desejo sexual, o caso patológico, a degeneração e a animalização do homem (muitas vezes reduzido aos instintos) são recorrentes. O influxo de temáticas ou análises sociais produzidas no âmbito da ficção naturalista do século XIX diferencia-se efetivamente do papel conferido às ciências</p>	INDEFERIDO	D

		<p>sociais e econômicas na produção neorrealista e neonaturalista do século XX. De fato, na geração de 1930, as ciências da natureza não foram adotadas como parâmetro de leitura do homem e da sociedade, assim como o determinismo biológico foi rejeitado como princípio de construção de personagens e situações narrativas. Por fim, ainda que se pudesse considerar que, no naturalismo oitocentista, tenha havido em algum grau a construção “científica da experiência humana vinculada às ciências sociais”, a afirmação não se constitui como resposta válida pelo fato de que se observa, no neorrealismo e neonaturalismo, a abordagem da experiência humana pelo aporte de ciências como a sociologia e a economia.</p> <p>Portanto, é correto dizer que a construção determinista da experiência humana vinculada às ciências da natureza <u>diferencia</u> a experiência do naturalismo do século XIX em relação à vertente neonaturalista do século XX.</p> <p>Nesses termos, o gabarito da questão é a letra D.</p>		
--	--	--	--	--